

# PIONEIRAS DA PESQUISA DE CAMPO

## Olhares para as relações entre história da antropologia e gênero a partir da África do Sul



Pioneers of the field: looks at the relationship between the  
history of anthropology and gender from South Africa

Amanda Gonçalves Serafim  
Universidade Estadual de Campinas  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social | Campinas, Brasil  
amandagserafim@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-3020-5993

---

BANKS, Andrew. 2016. *Pioneers of the Field: South Africa's  
Women Anthropologists*. Londres: International African Institute;  
New York: Cambridge University Press, 338 p.

---

**Resumo**

*Pioneers of the Field: South Africa's Women Anthropologists*, livro do historiador sul-africano Andrew Banks, é uma obra que relaciona história da antropologia e relações de gênero a partir da constituição da antropologia principalmente na África do Sul. O livro, ainda inédito em português, reúne um minucioso trabalho de análise de documentos e da trajetória pessoal e profissional de seis antropólogas que atuaram principalmente na primeira metade do século XX no país. Apesar das contribuições institucionais e acadêmicas de seus trabalhos, estas antropólogas permaneceram silenciadas frente à atuação de seus colegas homens do mesmo período. Dessa forma, o trabalho de Banks nos ajuda a ir além de um simples reconhecimento dessas trajetórias particulares, nos estimulando a refletir sobre os mecanismos de consagração e silenciamento na constituição das histórias oficiais da antropologia e de como podemos desenvolver uma historiografia da disciplina mais atenta a esses mecanismos.

**Palavras-chave**

história da antropologia; relações de gênero; arquivo; antropologia na África do Sul; silenciamentos.

**Abstract**

*Pioneers of the Field: South Africa's Women Anthropologists*, a book by the South African historian Andrew Banks, is a work that relates history of anthropology and gender relations based on the constitution of anthropology mainly in South Africa. The book, still unpublished in Portuguese, brings together a detailed analysis of documents and the personal and professional trajectory of six women anthropologists who worked mainly in the first half of the 20th century in the country. Despite the institutional and academic contributions of their work, these anthropologists remained silenced face the production by their male colleagues from the same period. Therefore, Banks' publication helps us to go beyond a simple recognition of these particular trajectories, encouraging us to reflect on the mechanisms of acclamation and silencing in the constitution of official histories of anthropology and on how we can develop a historiography of the discipline which is more attentive to these mechanisms.

**Keywords**

history of anthropology; gender relations; archive; anthropology in South Africa; silences.

**P**ioneers of the Field: South Africa's Women Anthropologists, escrito pelo historiador sul-africano Andrew Banks, é uma obra que tem como objetivo recontar e analisar a formação da antropologia social moderna na África do Sul, a partir da atuação de seis de suas mais influentes antropólogas: Winifred Tucker Hoernlé (1885-1960), Monica Hunter Wilson (1908-1982), Ellen Hellmann (1908-1982), Audrey Richards (1899-1984), Hilda Beemer Kuper (1911-1992) e Eileen Jensen Krige (1904-1995). Ainda que essas figuras não sejam desconhecidas pela historiografia oficial da disciplina, suas trajetórias e a importância de seus trabalhos merecem maior atenção pela crítica, tendo permanecido sobremaneira silenciadas. O estudo de Banks, ainda que circunscrito à antropologia sul-africana (e a algumas relações com a antropologia britânica), contribui com discussões de forma mais geral sobre a produção da historiografia da disciplina e de modo mais específico sobre as relações entre gênero, pesquisa e institucionalização da antropologia.

Em uma evocação significativa feita por Banks, o silenciamento sobre a história dessas mulheres é visualizado nas paredes da *University of the Witwatersrand*, ou Universidade de Wits como também é chamada, uma das principais instituições públicas de ensino superior da África do Sul, localizada em Joanesburgo. Enquanto quatro dessas antropólogas foram diretoras do Departamento de Antropologia desta instituição, apenas o retrato de Winifred Hoernlé divide a parede com nomes consagrados como Alfred Radcliffe-Brown, Isaac Schapera, Max Gluckman e David Webster.

Um dos principais legados dessas antropólogas foi a formação de uma nova geração de jovens pesquisadoras e a construção de programas de antropologia no país, tornando essa invisibilidade uma lembrança constrangedora da existência de regras não anunciadas para o reconhecimento acadêmico. O apagamento é ainda maior em relação à contribuição teórica e etnográfica dessas mulheres, que realizaram de forma pioneira pesquisas com foco em comunidades africanas pouco estudadas, ao mesmo tempo em que davam atenção à sexualidade e ao estudo de mulheres, algo que as gerações seguintes de antropólogos da região tardaram a seguir. Banks sugere que a inexistência de retratos de mulheres em posições institucionais é um reflexo de como a história da disciplina foi contada por muitos anos. Além disso, a construção narrativa oficial tendia a priorizar

os textos antropológicos em detrimento da trajetória e dos contextos políticos e de poder em vigor, que causavam maiores dificuldades de produção e de oportunidades de trabalho para suas colegas antropólogas.

A pesquisa para *Pioneers of the Field* contou com um trabalho de consulta aos acervos documentais já institucionalizados dessas antropólogas e com material ainda preservado por suas famílias<sup>1</sup>. É preciso reforçar que o silenciamento sobre algumas trajetórias na história oficial não implica em uma ausência de fontes. Historiador de formação, Banks realiza uma análise cuidadosa destes acervos, bem como esforça-se por relacionar o estudo das trajetórias pessoais e profissionais dessas pesquisadoras ao contexto político vigente, dando especial atenção à sua atuação junto ao desenvolvimento de políticas antissegregacionistas e contra o Apartheid.

O livro está dividido em seis capítulos e cada um deles é dedicado à reconstrução de uma dessas trajetórias. Banks recupera elementos da constituição familiar, da formação educacional e acadêmica, as primeiras idas a campo, a recepção desses trabalhos, as discussões teóricas envolvidas, os novos arranjos familiares, entre outros fatores que nos ajudam a entender as referências, os interesses e as constituições dessas trajetórias, e as relações pessoais e profissionais envolvidas<sup>2</sup>. Ainda que o foco esteja na reconstrução da história de cada uma dessas mulheres, por se tratar de uma rede de relações, a atuação de todas elas está diretamente ligada a trajetória de outras pesquisadoras e pesquisadores. Além disso, conta também com uma introdução e uma conclusão onde o autor discorre de modo mais articulado sobre questões mais gerais que permeiam o livro:

---

<sup>1</sup> Na Universidade de Wits estão os arquivos de Winifred Hoernlé e de Ellen Hellmann; na *University of Cape Town* a coleção Monica Wilson; na *London School of Economics* o acervo de Audrey Richards; na *University of California Los Angeles* os papéis de Hilda Kuper; e na University of Kwazulu-Natal o arquivo de Eileen Krige. As famílias de Krige, Kuper e Hellmann disponibilizaram documentos particulares.

<sup>2</sup> Seria impossível aqui recuperar grande parte dessas informações (que não são apenas valiosas para os interessados nessas trajetórias em específico, mas também para pesquisadores da história da disciplina de modo mais geral, ou em temáticas relacionadas a antropologia sul-africana). Dessa forma, opto por trazer alguns elementos que ajudam a entender a atuação dessas mulheres e a construção argumentativa e propositiva de Banks em sua obra.

os silêncios da história da antropologia sul-africana, o legado e o pioneirismo dos trabalhos destas antropólogas.

No primeiro capítulo entramos em contato com Winifred Tucker Hoernlé, que possuía uma grande capacidade de trabalhar em projetos colaborativos. Para o autor, essa característica explica parcialmente o menor destaque dado para sua trajetória por parte da historiografia da disciplina, já que a história da antropologia tenderia a priorizar iniciativas individuais em detrimento das redes de relação. Por outro lado, o discurso segregacionista liberal defendido por seu marido, o filósofo Alfred Hoernlé, alguns anos antes do Apartheid, também afetou sua imagem, a despeito de sua própria posição ser explicitamente contrária à de seu cônjuge<sup>3</sup>.

Como lembra Banks, Hoernlé é considerada a mãe da antropologia sul-africana nas décadas de 1920 e 1930, tendo introduzido inovações às etnografias produzidas no país e formado uma série de pesquisadores em Witwatersrand, onde criou o departamento de antropologia. Essas contribuições estiveram ligadas ao incentivo à realização de pesquisas com comunidades tradicionais dentro de contextos urbanos, o que possibilitou conciliar o já consolidado modelo de estudos malinowskiano de antropologia com a análise de mudança social (depois notabilizada por diversos ex-alunos de Hoernlé, como Max Gluckman). Hoernlé também desenvolveu parcerias com antropólogos britânicos bastante reconhecidos: assim é possível compreender a aproximação com o funcional-estruturalismo (tal como delineado por Alfred Radcliffe-Brown), bem como uma afinidade com uma tradição anglófona de antropologia, o que reforçava uma posição contrária aos nacionalistas de origem *Afrikaner* na África do Sul e também a um paradigma antropológico fundamentado no pressuposto de que as comunidades consideradas tradicionais são permeadas por conflitos e irracionalidade. Ao mesmo tempo, Hoernlé também colaborou institucionalmente com Bronislaw Malinowski, que recebeu várias ex-alunas e ex-alunos da antropóloga para continuarem suas formações na *London School of Economics* (LSE), onde o polonês lecionou.

Hoernlé se aposenta cedo como professora, deixando a Universidade de Wits em 1937 aos 42 anos, para se dedicar

---

<sup>3</sup> O casamento afetou outras trajetórias aqui apresentadas, a partir da ideia de que após o matrimônio elas poderiam abandonar suas pesquisas e trabalhos.

integralmente a sua carreira como ativista do bem-estar social, área na qual já atuava em paralelo às suas pesquisas. Apesar disso, seu trabalho antropológico impulsionou as histórias de cinco mulheres, a maior parte delas suas alunas, que deram continuidade ao seu legado e cujas trajetórias passamos a conhecer mais nos capítulos que se seguem. A trajetória de Hoernlé acaba tendo um destaque um pouco maior aqui por se tratar de uma figura que antecede e permeia a história das mulheres que vem em seguida, assim como por apresentar questões semelhantes relativas às dificuldades de se estabelecerem na disciplina e do reconhecimento de seus trabalhos.

O segundo capítulo apresenta Monica Hunter Wilson, católica e filha de missionários, que encontrou na antropologia o lugar para desenvolver seu compromisso social com uma África do Sul que respeitasse as diferenças e distante de ideias segregacionistas. Desenvolveu sua tese de doutorado, na primeira metade da década de 1930, sobre mudança cultural no país e o surgimento de outros movimentos religiosos em reação à colonização, principalmente em Pondoland, a partir do apoio e influência da rede missionária em que seu pai atuou, junto ao contato com moradores locais, principalmente com mulheres. Posteriormente, desenvolveu pesquisas colaborativas com seu marido, Godfrey Wilson, sobre os *Nyakyusa*, localizados no atual território da Tanzânia, sobre a cultura tradicional e sua relação com o cristianismo. Além disso, foi professora e chefe do Departamento de Antropologia da *University of Cape Town*, atuando também em defesa dos direitos das universidades em contratar e matricular pessoas de “todos os grupos raciais”, e contra o Apartheid durante a década de 1950.

Já no terceiro capítulo encontramos com Ellen Hellmann, judia e ativista desde o início de sua formação. Foi a primeira aluna da Universidade de Wits a realizar uma etnografia de longo prazo, entre 1933 e 1936, e é considerada pioneira na antropologia urbana e nas pesquisas com foco nas mulheres na região; entretanto sua monografia só foi publicada 13 anos depois de terminada. Seu trabalho sobre as cervejarias femininas de Rooiyard, na África do Sul, e a rede que ligava as mesmas às prisões, estava vinculado a suas preocupações com a pobreza como um problema social e econômico – temática que continua desenvolvendo posteriormente em Joanesburgo, na segunda metade da década de 1930 e em 1940. A pesquisa colocava em foco as mulheres como sujeitos etnográficos, o que diferia de

análises onde se combinava o estudo da vida das mulheres e dos homens de uma determinada sociedade – comumente realizada por casais de antropólogos. Hellmann foi mais reconhecida por seu ativismo contra o Apartheid no Partido Socialista Sionista e no Instituto Sul-Africano de Relações Raciais do que em sua atuação na disciplina.

O capítulo quatro analisa a passagem de Audrey Richards pela África do Sul entre 1938 e 1940. A antropóloga, ainda que nascida em Londres e talvez a mais reconhecida dentre as seis mulheres, teve uma breve e importante passagem pelo país. Richards havia se doutorado na LSE e foi professora assistente na instituição inglesa. Apesar do reconhecimento de seu trabalho internacionalmente, tinha dificuldades de conseguir uma posição como professora ou diretora em instituições de pesquisa, que continuavam a perpetuar o que podemos concluir, junto a Banks, como discriminações de gênero que também produziram apagamentos historiográficos sobre suas contribuições à antropologia. A despeito destas dificuldades, Richards foi convidada a assumir o cargo de Hoernlé após sua aposentadoria, mas continuou enfrentando dificuldades semelhantes às de sua professora e antecessora. Antes de sua atuação em Wits, a antropóloga já havia realizado pesquisas sobre uma sociedade matrilinear, os *Bemba*, na Rodésia do Sul no início dos anos de 1930. Na África do Sul, ela não apenas assume o cargo, mas dá continuidade aos esforços de Hoernlé em desenvolver o trabalho etnográfico na universidade, a incentivar o trabalho de campo de suas alunas e a formação de uma rede de jovens mulheres antropólogas – incluindo a escolha de sua sucessão<sup>4</sup>.

Hilda Beemer Kuper foi aluna de Hoernlé e protagoniza o quinto capítulo. Entre 1934 e 1942 realizou pesquisa na Suazilândia, parte dela junto a Malinowski, em um momento em que o chefe Suazi estava buscando resgatar rituais tradicionais da região - esse apoio foi fundamental para conseguir compreender a história pré-colonial do local. Kuper inclusive propunha como método de pesquisa que os textos etnográficos deveriam ser

---

<sup>4</sup> Para Hilda Kuper, como veremos em seguida, pesava a questão religiosa, política e de gênero, já que era uma mulher judia de esquerda. Ressalto que apesar de breves alguns dados pessoais aqui apresentados fazem parte da argumentação de Banks da importância de uma análise detida também na trajetória pessoal e não apenas na produção intelectual na história da antropologia. Afinal esses aspectos ajudam a entender tanto o contexto do período em que essas antropólogas atuaram, como aspectos importantes para seus interesses de pesquisa e inserção no campo.

aprovados pelos líderes locais antes de serem publicados. Também contribuiu com pesquisas urbanas sobre a organização de mulheres em Joanesburgo, mas é sua escrita criativa que se destaca como uma de seus maiores legados ao campo, ao mesmo tempo que a afasta de um reconhecimento acadêmico ainda em vida. Publicou tanto em revistas literárias e culturais dezenas de poemas sobre amor, guerra e etnografia, além de ensaios políticos críticos ao racismo e à segregação na África do Sul (o que a levou à prisão e ao exílio nos EUA). Como já mencionado, foi chefe do departamento de antropologia da Wits, assim como professora na *University of Carolina, Los Angeles* (UCLA), onde se aposentou em 1977.

A sexta e última trajetória analisada é de Eileen Jensen Krige. A antropóloga, graduada em Wits, publicou apenas uma obra como única autora (a maior parte de sua produção foi em parceria com seu marido, Jacob Krige) e foi lida como uma “antropóloga colonial” por críticos africanistas marxistas que alegaram uma romantização das noções de tribo e tradição em detrimento da mudança social em sua obra. Entretanto, Banks acredita que é em seu arquivo que é possível compreender as inovações metodológicas de sua pesquisa de campo na Zululândia. Eileen Krige realizou um trabalho colaborativo com seu principal intérprete zulu, George Washington Mahlobo, do qual resultou a única publicação em coautoria entre pesquisadores brancos e negros por quatro décadas na prestigiada revista *Bantu Studies* (atualmente *African Studies*) em 1934. Estudou também as posições das mulheres entre os *Lovedu*, localizados na África do Sul, nas atividades políticas, sociais e religiosas, com um destaque para a figura da *Queen Modjadji*, a rainha da chuva. Eileen Krige colaborou com a criação de dois departamentos de antropologia em universidades sul-africanas na década de 1940 e fomentou uma rede de alunas que desenvolverem pesquisas focadas na etnografia de mulheres e na mudança social.

A partir da análise dessas trajetórias e de um contexto político nacional e acadêmico envolto em discussões e posições políticas distintas em relação ao enfrentamento do segregacionismo vigente, Banks produz um interessante questionamento sobre a construção da história da antropologia no século XX na África do Sul e os processos de silenciamento de outras importantes narrativas. Se de um lado temos a predominância dos cânones masculinos nessa história oficial, como é possível visualizar através das paredes da Universidade de



Wits, por outro temos a crítica de marxistas sul-africanos, nas décadas de 1970 e 1980, que questionavam uma falta de radicalismo do trabalho dessas antropólogas (apontadas por Banks como mais vinculadas a uma política liberal) e sua aproximação com o funcionalismo britânico, bem como o distanciamento da ideia de mudança social e uma dificuldade de percepção da realidade local. Ou seja, questões de silenciamento que apontam para regras de consagração no passado, mas que também são reforçadas ao longo do tempo.

Dessa forma, o livro de Andrew Banks tem como contribuição principal recontar essas histórias à luz de um material documental sobre as trajetórias das referidas mulheres, bem como trazer não apenas um reconhecimento a esses nomes, mas colocar em perspectiva como essas antropólogas colaboraram ativamente na construção das instituições da disciplina no país e no desenvolvimento de pesquisas engajadas que inseriram as mulheres como sujeitos de seus trabalhos. Como nos adverte Lyn Schumaker (2008), não devemos confundir a história das mulheres na antropologia com a história do gênero como área de pesquisa, afinal essas questões já apareciam à sua maneira em um campo dominado pelos antropólogos. A partir de um maior ingresso das mulheres na antropologia no século XX, essa relação entre a participação e o estudo de temáticas e áreas consideradas femininas foi utilizada como argumento para a inserção delas em campo, que acabava corroborando com uma divisão sexual do trabalho, principalmente nas etnografias realizadas por casais de antropólogos. Nas trajetórias apresentadas aqui podemos ver à primeira vista um certo resquício desse argumento em duas experiências de pesquisa (nos casos de Monica Wilson e Eileen Krige), mas essa posição é logo revista quando conhecemos suas trajetórias e os trabalhos que desenvolveram de maneira individual, ao colocarem as mulheres como enfoque de pesquisa.

*Pioneers of the Field* nos ajuda a ir além de uma recuperação bibliográfica das contribuições de mulheres sul-africanas à história da antropologia. O livro estimula a reflexão sobre o apagamento dessas trajetórias nas narrativas oficiais da disciplina e as maneiras pelas quais podemos desenvolver uma historiografia mais atenta aos dispositivos discriminatórios estruturais que produzem consagrações e silenciamentos. Esses aspectos da pesquisa de Banks vão muito mais além do território sul-africano e nos ajudam a incorporar essas discussões a nossas práticas antropológicas atuais.

### Referências Bibliográficas

- BANKS, Andrew. 2016. *Pioneers of the Field: South Africa's Women Anthropologists*. Londres: International African Institute; New York: Cambridge University Press.
- SCHUMAKER, Lyn. 2008. "Women in the Field in the Twentieth Century: Revolution, Involution, Devolution?". In: Henrika Kuklick (org). *A new history of anthropology*. Oxford: Blackwell Publishing. p. 277-292.

Enviado: 11/10/2022

Aceito: 06/12/2022